

Os Salmos Como Expressão de Espiritualidade

Nelson Kilpp

O termo espiritualidade provém do cristianismo. Os teólogos cristãos vinculam, de forma legítima, a espiritualidade com o Espírito Santo (1). Isto naturalmente traz algumas dificuldades ao tratar-se do assunto no âmbito das Ciências da Religião, da Sociologia e também do Antigo Testamento. Uma delas, sem dúvida, é a de que o leque de abrangência do termo tende a alargar-se mais ainda do que o termo por si já sugere.

Além disso, parece-me que o tema espiritualidade torna-se importante a partir da consciência da dicotomia entre ser e fazer, entre crer e agir e, conseqüentemente, a partir da valorização do subjetivo em contraposição ao objetivo, da importância do individual sobre o coletivo (2). Isto torna um tanto problemática a busca por formas de espiritualidade no Antigo Testamento, onde nos deparamos com uma compreensão de homem que no mínimo questiona este dualismo ocidental. אדם significa "pessoa" e, ao mesmo tempo, "humanidade". Parece que não nos deparamos primordialmente com o indivíduo, mas com a pessoa incrustada numa complexa teia de relacionamentos sociais (3).

Queremos, mesmo assim, a seguir tentar detectar algumas "maneira(s) precisa(s) de viver 'perante o Senhor' em solidariedade com os homens" e de viver " 'com o senhor' e perante os homens" (4), que encontramos refletidas nos Salmos.

-
- (1) Hermann Brandt, *Espiritualidade* (São Leopoldo 1978), pág. 42ss; Gustavo Gutierrez, *Teologia de la liberación* (Lima 1971), pág. 254ss; Segundo Galilea, *Espiritualidade da Libertação* (Petrópolis 1975), pág. 15ss, vincula com naturalidade o termo espiritualidade com a atuação de Jesus Cristo.
 - (2) Wolfgang Trilhaas, Artigo "Frömmigkeit", em: *Die Religion in Geschichte und Gegenwart*, Vol. II, 3ª ed. (Tübingen 1958), col. 1162ss diz algo semelhante.
 - (3) Ludwig Köhler, *Theologie des Alten Testaments*, 4ª ed. (Tübingen 1966), pág. 114.
 - (4) Gustavo Gutierrez, op cit., pág. 254.

A pesquisa moderna revela que os Salmos não são textos que surgiram da inspiração de determinados autores e que, portanto, não revelam emoções e destinos de indivíduos. Encontramos nos Salmos antes a linguagem e a fraseologia padronizada de agendas e formulários destinados ao culto da comunidade (5). É graças a esta linguagem padronizada que tenta abarcar questões típicas da pessoa religiosa e acolher as linguagens de pessoas das mais diferentes culturas e épocas (6) que o saltério continua sendo ainda hoje o livro bíblico mais utilizado e atualizado em todas as igrejas cristãs. Querendo ou não, os Salmos fazem hoje parte de nossa espiritualidade.

A pesquisa moderna também fala dos gêneros, ou seja, certo tipo de linguagem aliado a certo "conteúdo e ambiente" (7) está vinculado a determinada ocasião dentro do culto israelita. Concentrar-me-ei no que segue nos cânticos de louvor (8) e nas assim chamadas lamentações do indivíduo (9) por pensar que se pode observar nestes dois gêneros as atitudes básicas da pessoa religiosa diante de Deus.

O LOUVOR.

Na sua Teologia do Antigo Testamento G. von Rad coloca os Salmos (além dos livros sapienciais) sob o capítulo: Israel diante de Javé. 'A resposta de Israel' (10). Na mesma página o autor já parece querer dar a entender que a resposta adequada do povo aos feitos

-
- (5) Hermann Gunkel e Joachim Begrich, *Einführung in die Psalmen*, 2ª ed. (Göttingen 1966), pág. 10ss; Hans-Joachim Kraus, *Theologie der Psalmen*, em: *Biblicher Kommentar Altes Testament*, Vol. XV/3 (Neukirchen-Vluyn 1979), pág. 173ss.
- (6) Gerhard von Rad, *Theologie des Alten Testaments*, Vol. 1, 5ª ed. (München 1966), pág. 412; Hans-Joachim Kraus, op.cit., pág. 173; algo semelhante diz Gerstenberger, *Der bittende Mensch*, em: *Wissenschaftliche Monographien zum Alten Testament*, Vol. 51 (Neukirchen - Vluyn 1980), pág. 147s a respeito da súplica.
- (8) ibidem, pág. 32ss: "Hymnen".
- (9) ibidem, pág. 172ss: "Die Klagelieder des Einzelnen". Hans-Joachim Kraus, *Psalmen*, em: *Biblicher Kommentar Altes Testament*, Vol. XV/1 e 2, 5ª ed. (Neukirchen - Vluyn 1978), pág. 39 corretamente questiona o uso deste termo, pois não se trata primordialmente de uma lamentação, mas no seu centro está a súplica (Cf. Erhard Gerstenberger, op.cit., pág. 119), nem provém as lamentações de indivíduos que pretendem expressar a sua necessidade específica.
- (10) Gerhard von Rad, op.cit. pág. 366.

maravilhosos e libertadores de Deus é, sem dúvida, o louvor. As intervenções divinas na história de Israel em favor deste só podem ser cantadas, o Deus deste povo só pode ser enaltecido (11). De fato, o título hebraico do saltério (חזק ים : "Cânticos de louvor"; de הלל pi.: "jubilar, louvar, exaltar, bendizer") reflete que este hinário e livro de orações da comunidade pós-exílica era reconhecido e estimado em primeiro lugar por causa de seus cantos de louvor (12).

Originalmente parece que a atuação milagrosa de Javé na história era simplesmente narrada pelo seu povo (13):

"Lembrai-vos das maravilhas que fez, dos seus prodígios e dos juízos dos seus lábios . . ." (Sl 105.5) (14).

E o Salmo segue relatando a história do povo desde Abraão e os patriarcas, a ida ao Egito, não esquecendo as pragas e a maravilhosa libertação do povo, a sua preservação no deserto até a entrada na terra prometida (15).

O louvor também é dirigido ao Deus presente e atuante na natureza. O israelita contempla maravilhado a variedade dos fenômenos naturais, a grande harmonia e ordem existentes nos mesmos:

"Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos . . ." (Sl 8.3)

Ou então:

"Faz subir as nuvens dos confins da terra,
faz os relâmpagos para a chuva,
faz sair o vento dos seus reservatórios". (Sl 135.7)

Ao observar a natureza, revelando às vezes até um interesse científico (16), o israelita descobre a mão bondosa de Deus que lhe assegura as condições de vida:

"Tu fazes rebentar fontes no vale,
cujas águas correm entre os montes;

(11) *ibidem*, pág. 366ss; Hans-Joachim Kraus, *op.cit.* (nota 5), pág. 85.

(12) Cf. Gerhard von Rad, *op.cit.*, pág. 367s.

(13) Gerhard von Rad, *op.cit.*, pág. 368.

(14) Cito os Salmos conforme a enumeração e o texto da versão atualizada de Almeida.

(15) Cf. Sl 114; 135; 136.10ss. Com o tempo refletiu-se cada vez mais sobre esta história (cf. Gerhard von Rad, *op.cit.*, pág. 368).

(16) Gerhard von Rad, *op.cit.*, pág. 372

dão de beber a todos os animais do campo . . .
 Fazes crescer a relva para os animais,
 e as plantas para o serviço do homem,
 de sorte que da terra tire o pão;
 o vinho que alegra o coração do homem,
 o azeite que lhe dá brilho ao rosto
 e o pão que lhe sustém as forças". (Sl 104.10s,14s)

Nos seus hinos ao Criador, o israelita confessa viver da misericórdia e bondade divinas, como no impressionante responsório, Sl 136, no qual o liturgo narra os feitos de Javé e a comunidade responde sempre de novo: "... porque a sua misericórdia dura para sempre" (17). É Javé que providencia o alimento diário;

"Em ti esperam os olhos de todos,
 e tu, a seu tempo, lhes dás o alimento.
 Abres a tua mão e satisfazes de benevolência
 a todo vivente". (Sl 145.15s (18).

O israelita engrandece Javé e, com isso, confessa a sua dependência de seu Senhor e Criador. Sem seu Deus, Israel não seria povo, sem sua misericórdia não teria condições de vida. Louvor e vida parecem estar bem próximos. Às vezes ocorre até uma identificação:

"Não morrerei, antes viverei
 e contarei as obras do Senhor". (Sl 118.17).

Exaltar Deus parece ser aí uma forma "natural de existir" ou uma "expressão do estar vivo" (19). Os mortos estarão impedidos de louvar:

"No sepulcro quem tem te dará louvor?" (Sl 6.5) (19a). Se a morte e caracterizada pela falta, a vida verdadeira não existe sem o louvor. "O louvor está para o não mais poder louvar assim como o viver está para o não mais viver" (20).

Os hinos ao Senhor da história e ao Criador compassivo são a resposta por excelência do povo de Israel como um todo (21). O

(17) Cf. o comentário de Hans-Joachim Kraus, *Psalmen*, pág. 1078, a respeito deste Salmo.

(18) Cf. também Salmo 65.

(19) Gerhard von Rad, *op.cit.*, pág. 381.

(19a) Cf. ainda 30.9; 88.10s; 115.7.

(20) Claus Westermann, *Das Loben Gottes in den Psalmen*, 3ª ed. (Göttingen 1963), pág. 121:

"Loben und nicht mehr loben stehen einander gegenüber wie leben und nicht mehr leben".

(21) Cf. Hans-Joachim Kraus, *op.cit.* (nota 5), pág. 86; Gerhard von Rad, *op.cit.*, pág. 368s.

lugar destes hinos é o culto no templo de Jerusalém. As grandes festas israelitas são as ocasiões propícias para este tipo de manifestação exultante (22).

O culto no santuário era um acontecimento especial. As festas formavam o auge da vida religiosa do israelita (23).

"A minha alma tem sede de Deus . . .
Quando irei e me verei perante a
face de Deus?" (SI 42.2)

Preparar-se para subir a Jerusalém era motivo de alegria:

"Alegrei-me quando me disseram:
Vamos à casa do Senhor" (SI 122.1).

Durante a longa caminhada os romeiros cantavam os hinos de Sião (24), onde morava Javé:

"Em Salém está o seu tabernáculo,
e em Sião a sua morada" (SI 76.2).

A emocionante chegada aos portões da cidade (122.2), as procissões (48.12), as dramatizações e encenações da história salvífica (25) a palavra pregada (85.8), os sacrifícios de agradecimento e de comunhão – tudo isto permeado de cânticos de louvor – deviam ser um acontecimento inesquecível. Experimentava-se em tudo isto a presença de "Deus o todo-poderoso, aquele que já era conhecido de todos das experiências históricas" anteriores (26). Tudo era motivo para cantar um "cântico novo" (27).

A semana em que se teve a oportunidade de viver todo este ambiente festivo no lugar sagrado é tempo pleno, repleto (28), do qual a gente pode sentir saudade:

"Pois um dia nos teus átrios vale mais do
que mil . . ." (SI 84.10).

(22) Hermann Gunkel e Joachim Begrich, op.cit., pág. 50a.

(23) Hans-Joachim Kraus, op.cit. (nota 5), pág. 125.

(24) SI 46:48;76:84;122.

(25) Hans-Joachim Kraus, op.cit. (nota 5), pág. 132.

(26) Sigmund Mowinkel, *Religion und Kultus* (Göttingen 1953), pág. 77: "Israels Kultus war eine Begegnung mit dem übermächtigen, aus den Erlebnissen in der Geschichte wohl bekannter Gott, der zu den Seinen kommt und Segen, Wohlfahrt und 'Friede', Sieg und Glück schafft, ihnen das gibt, dessen sie im Lebenskampfe bedürfen"

(27) SI 96.1; 98.1; 149.1.

(28) Hans-Joachim Kraus, op.cit. (nota 5), pág. 93.

É claro que nem sempre era experimentada a presença de Deus. Havia tempos em que uma catástrofe bélica, uma seca, uma praga de gafanhotos ou a destruição da cidade santa (cf. 1Rs8.37ss) impeliam não ao louvor, mas ao lamento e à súplica. Nestes casos proclamava-se o jejum nacional (Is 22.12; Jl 1.14) que reunia a assembléia do povo em Jerusalém para expressar sua dor e seu arrependimento. Abstinha-se então de alimentos (Is 58.3ss), rasgavam-se as vestes (Is 32.11), usava-se pano de saco, (Jr 4.8) recortava-se a pele (Os 7.14), rolava-se no pó (Sl 44.25), colocava-se cinza sobre a cabeça (Ne 9.1), e havia choro e clamor (Jr 14.2)(29). Estas atitudes de profunda humilhação queriam comover Deus a interceder favoravelmente nos rumos da história e restaurar a felicidade, a paz, o bem-estar do povo. Nestas experiências da ausência de Deus, suplicava-se o seu retorno (80.14), apelando aos feitos do passado (80.8ss;74.12ss), a fidelidade de Javé para com o seu povo escolhido (74.19ss).

As lamentações do povo, no entanto, são compreensivelmente bem poucas no saltério. Gunkel/Begrich descobrem apenas 5 espécimes puros (30). O que determina o ambiente no santuário central é o júbilo, os rituais festivos, os cantos de louvor, a experiência da presença de Deus, a comunhão com ele e com os irmãos.

As pessoas que sabem agradecer e louvar pelos inúmeros bens recebidos demonstram, sem dúvida, sua grande confiança em Deus. O louvor é uma resposta legítima de um povo agraciado. Existiu, no entanto, uma tragédia neste ambiente de enlevo diante de Javé: a exaltação de Deus tornou-se também exaltação das instituições sagradas – templo e reinado –; a confiança em Javé teve por consequência uma confiança na cidade fortificada de Jerusalém, sua morada:

“Deus está no meio dela: jamais será abalada . . .”(Sl 46.5)

Ou então; sobre o rei:

“Domine ele de mar a mar, desde o rio
até os confins da terra.
Curvem-se diante dele os habitantes do deserto
e os seus inimigos lambam o pó.
Paguem-lhe tributos os reis de Társis e das
ilhas ...” (Sl 72.8-10).

(29) Hans-Joachim Kraus, *Gottesdienst in Israel*, 2ª ed. (München 1962), pág. 260e.

(30) op.cit., pág. 117: Sl 44:74;79;80;83.

A dependência da misericórdia de Deus que o israelita testemunha em seu canto torna-se dependência do rei, dos funcionários do templo, do poder econômico da cidade. Interessante é que exatamente entre os funcionários do templo, os que usufruíam da espiritualidade do povo, surgiu um tipo de "mística" (31) que os Salmos refletem em vários textos (32). Cito um exemplo:

"Assim eu te contemplo no santuário, para ver a tua força e a tua glória.

Porque a tua graça é melhor que a vida;
os meus lábios te louvam.

Assim cumpre-me bendizer-te enquanto eu viver,
em teu nome levanto as mãos.

Como de banha e de gordura farta-se minha alma" . . .
(Sl 63.2-5).

Entre os que "moram" (33) na casa do Senhor e "assistem nos seus átrios" (34) se fartam da abundância" (35) do templo há um círculo que parece viver num outro mundo. Aí existe uma outra espiritualidade.

A SÚPLICA

As lamentações do indivíduo (תפלה "orações"; Sl 72.20) formam o cerne do saltério. Gunkel/Begrich (36) falam de 39 exemplares puros, mas Gerstenberger (37) arrola mais de 50 Salmos que teriam pertencido originalmente a este grupo, ou seja, um terço dos Salmos colecionados no saltério. Também nestas orações

(31) Gerhard von Rad, "Gerechtigkeit" und "Leben" in der Kultsprache der Psalmen, em: *Theologische Bücherei*, Vol. 8 (München 1965), pág. 241: "Kultmystik"; "Wir haben es hier mit einem besonderen Kreis von Spiritualen zu tun . . ."

(32) Sl 84.4; 65.4; 27.4; 36.7; 142.6; 16.5ss; 63.2ss.

(33) Sl 27.4; 84.3.

(34) Sl 65.4.

(35) Sl 36.7-9.

(36) op.cit., pág. 172; Sl 3:5; 6:7; 17:22; 25:26; 27.7-14; 28; 31; 35; 38; 39:42; 43; 51; 54; 55; 56; 57; 59; 61; 63; 64; 69; 70; 71; 86; 88; 102; 109; 120; 130; 140; 141; 142; 143;

(37) op.cit., pág. 118 nota 27. inclui alguns lamentos do povo que pudessem ter surgido ou ter sido usados na celebração de lamentação do indivíduo. Além da relação acima, menciona ainda: Sl 4:11; 12; 36; 40; 41; 52; 58; 62; 73; 75; 77; 84; 94; 121; 139 (exclui Sl 25).

encontramos uma linguagem convencional de formulários a serem recitados em determinados rituais de lamentação e de súplica (38). O indivíduo suplicante participa, assim, da linguagem de oração da comunidade (39). Estes Salmos nos mostram as experiências existenciais do gênero humano: a dor, o sofrimento, a doença, a ameaça de morte, a perseguição, a culpa, as acusações, a marginalização. Experimenta-se, nestas situações, a ausência e o abandono de Deus. A intensidade desta ausência encontramos em expressões, muitas vezes repetidas, como: Javé se cala (Sl 35.22), Javé se esqueceu (Sl 13.1), escondeu a sua face (Sl 10.1), dorme (Sl 44.23), até quando? (Sl 6.3; 35.17). Sente-se o fardo do Deus oculto, afastado (40). O aflito, sofredor, doente que se dirige a Deus relata a sua miséria e suplica pela mudança de sua sorte. Ele se lembra de experiências de auxílio que tivera anteriormente e que são o fundamento de sua confiança. Por vezes ele faz uma promessa: a de levar um sacrifício e um canto de ação de graças à presença de Deus no templo (54.6).

A pesquisa recente (41) vê as lamentações do indivíduo dentro do âmbito da religiosidade da família, ao contrário, portanto, dos hinos que se encontram no culto grande do templo. R. Albertz constata que no âmbito familiar há relacionamentos com Deus distintos dos existentes no âmbito do povo todo (42). Na família é importante, por exemplo, o nascimento de uma criança, fato que não interessa a uma nação. Enquanto que no grupo grande são lembrados os feitos de Deus na história do povo e é exaltado o Criador do universo, na família tem-se presente o doador da vida (Sl 22.9s) e recordam-se experiências pessoais com Deus:

"Pois tu és . . .
a minha confiança desde a minha mocidade.
Em ti me tenho apoiado desde o meu nascimento,
do ventre materno tu me tiraste . . ." (Sl 71.5s).

Os inimigos do povo, dos quais falam as lamentações do povo, são inimigos políticos reais, respectivamente a ira de Javé, enquanto que nas lamentações do indivíduo predomina a visão de

(38) Erhard Gerstenberger, *op.cit.*, principalmente pág. 147ss.

(39) Hans-Joachim Kraus, *op.cit.* (nota 9), pág. 39.

(40) Cf. Hans-Joachim Kraus, *op.cit.* (nota 5), pág. 176.

(41) Além de Gerstenberger, *op.cit.*, Rainer Albertz, *Persönliche Frömmigkeit und offizielle Religion*, em: *Calwer theologische Monographien*, vol. 9 (Stuttgart 1978).

(42) Rainer Albertz, *op.cit.*, pág. 3ss, 28ss, 42ss.

que os inimigos são pessoas do próprio grupo, de grupos adversários ou até poderes demoníacos (43).

Parece-me que nos Salmos de lamentação do indivíduo podemos, de fato, detectar uma prática piedosa familiar à margem da religião oficial. Em seu estudo sobre os nomes próprios de pessoas no Antigo Testamento, M. Noth afirma que os nomes israelitas são expressão de uma espiritualidade do indivíduo (44), do pequeno grupo, do culto da família (45). Os nomes dados às crianças não aludem a tradições religiosas da nação (faltam, por exemplo, verbos que lembrem as tradições mais queridas do povo: êxodo, tomada da terra, culto, reinado (46). Pelo contrário, os nomes trazem à memória eventos de importância para o grupo primário, por exemplo (47): o nascimento (פתח (אל) : "Deus abriu (a mãe)"; נתניה - "Javé(o) deu"; o Deus que protege e se importa (שמעאל - "Deus ouviu"; זכריה - "Javé se lembra"); ou o Deus que salva (יהושוע, פלטיה, אלישע), que auxilia (אליעזר - "Deus é (minha) ajuda"), que ergue (אליקים), que defende na justiça (יהושפט), em cuja força se pode confiar (הזקיה - "Javé é minha força").

Além disso, os nomes teóforos deixam entrever que a religiosidade familiar compreende seu relacionamento com Deus em analogia ao relacionamento dentro da família. Deus é pai (אביה; אביגיל - "Meu pai (Deus) é meu júbilo"), é irmão (אחיה; אחיעזר - "meu irmão (Deus) é meu auxílio"). Dentro deste ambiente devemos ler SI 103.13:

"Como um pai se compadece de seus filhos,
assim o Senhor se compadece dos que o temem".

(43) idem, pág. 44s; Erhard Gerstenberger, op.cit. pág. 145s.

(44) Martin Noth. Die israelitischen Personennamen im Rahmen der gemeinisraelitischen Namensgebung, em: *Beiträge zur Wissenschaft vom Alten und Neuen Testament*, Vol. III.10 (Hildesheim 1966), pág. 133: "... die israelitischen Personennamen, soweit sie religiösen Inhalts sind, ebenso wie im allgemeinen auch die religiösen Namen anderwärts, (sind) nicht Aussagen einer bestimmten Dogmatik, Theologie oder Spekulation, sondern, ... in der Regel Ausdruck der Frömmigkeit, zumal der schlichten Frömmigkeit des einzelnen Menschen, ..."

(45) Conforme Noth os elementos teóforos אב (ab) e אח (ah) (pág. 73ss) e ainda אל (el) (pág. 93) aludem a um Deus tribal.

(46) Rainer Albertz, op.cit., pág. 56ss.

(47) cf. as tabelas de raízes hebraicas em Rainer Albertz, op.cit., pág. 61ss.

Apesar de as lamentações do indivíduo conhecerem as grandes tradições de Israel, estas não são de importância decisiva para a religiosidade do grupo familiar (48).

Gerstenberger analisou mais detalhadamente o lugar destas lamentações no culto familiar e descobriu que elas estavam embutidas num complexo ritual de súplica, onde assumia papel importante o "homem de Deus", um especialista que conhecia os ritos comprovados, possuía os textos apropriados a serem recitados, sabia o tempo e o lugar adequado para a cerimônia (49). O objetivo de todo o ritual era o de afastar, através do liturgo, a desgraça existente ou iminente e alcançar novamente a harmonia, o bom relacionamento, a ordem sadia, a comunhão com Deus. Este restabelecimento da comunhão com Deus é, ao mesmo tempo, a restauração das relações sociais normais do sofredor com o seu grupo. Ele saíria de seu estado de marginalização (50).

Aqui o ambiente não é de festa, de alegria, de enlevo, mas de sofrimento, de desespero. Mas parece que é neste ambiente que estamos mais próximos à vida. O indivíduo sofredor arrasta todo o seu grupo para dentro do sofrimento. A sua morte é perda sensível para o seu grupo, o seu restabelecimento é responsabilidade e interesse de sua família. O mal deve ser afastado para que novamente possa haver um relacionamento harmonioso dentro da comunidade (51).

Mais tarde estes lamentos foram enquadrados no culto oficial (52). Já o canto de ação de graças (תודה) cabia, desde sempre, no grande culto da assembléia do povo (53): a pessoa restabelecida cumpria seu voto, testemunhando o auxílio recebido de Javé.

O lamento e a súplica são maneiras de colocar-se diante de Deus. Neles o homem se confessa carente e necessitado. O que suplica autodenomina-se "pobre", "miserável" (54). Havia, sem dúvida, uma consciência entre os suplicantes de que Deus tem interesse especial pelos fracos e pobres (12.5; 18.27;35.10;116.6;146.7;149.4;140.12); pois ele:

" ... faz justiça aos oprimidos
e dá pão aos que têm fome". (Sl 146.7).

(48) Rainer Albertz, *op.cit.*, pág. 177.

(49) *op.cit.*, pág. 134ss.

(50) Sl 38.11;31.11;35.11ss;55.12s;69.8;88.8.18; Erhard Gerstenberger, *op.cit.*, pág. 153.

(51) Erhard Gerstenberger, *op.cit.*, pág. 156ss.

(52) *Ibidem*, pág. 160.

(53) Sl 22.22,25;40.9s.

A VIDA.

A assim chamada relação vertical parece ser a predominante nos Salmos. Isto se deve certamente à natureza, à função e ao uso dos mesmos. Eles estão estreitamente vinculados ao culto, tanto do grupo familiar quanto da assembleia do povo. Ambos, súplica e louvor, expressam a vivência do israelita "perante" (55) seu Deus, respondendo a seus feitos maravilhosos, recorrendo à sua misericórdia experimentada. A vivência "perante os homens" pode não ser evidente de imediato, nos Salmos, mas creio que podemos encontrar alguns indícios.

1. Com exceção de uma passagem de difícil interpretação (56) parece não haver nos Salmos uma crença numa vida além-túmulo (57). A vida terrena, humana é, por isso, de suma importância, pois é a única. A gente não se prepara nesta vida para uma outra no além. Importante é que os relacionamentos adequados e justos com Deus e entre as pessoas sejam estabelecidos aqui e agora (58). Isto transforma esta vida num grande desafio para o israelita. O israelita não pode dar-se o luxo de fugir deste desafio "para dentro de si mesmo, para a sua edificação própria, onde se pudesse preparar, neste mundo, para um novo céu e uma nova terra" ou, então, "desligar-se completamente deste mundo visando uma contemplação edificante e meditação profunda" (59).

2. A fé em Javé é, desde o início, viver e fazer a vontade de Deus. Fé e ação são uma única atitude. Não há primeiro uma e depois a outra (60). A fé de Noé consiste em que ele construa a arca.

(54) Os termos hebraicos usados no saltério são: עָנִי ('ani), עָנָו ('anav), אֲבִיּוֹן ('ebion), דָּל (dal) e הֵלֵבָה (heléba); cf. os diversos textos em Hans-Joachim Kraus, op.cit. (nota 5), pág. 188.

(55) Retorno à terminologia de Gustavo Gutierrez, op.cit. pág. 254.

(56) Sl 73.23-28, Hans-Joachim Kraus, op.cit. (nota 9), pág. 672, interpreta o v.24 simplesmente: será um milagre. Quanto ao Sl 16.9-11 parece estar claro tratar-se da salvação da morte e não da ressurreição (cf. Hans-Joachim Kraus, op.cit. (nota 9), pág. 267s.).

(57) Somente na época do apocalipsismo podemos falar em ressurreição (Dn 12.2). Ez 37.1-14 é o uma figura que tenta representar a mudança que ocorrerá com o desânimo e o desespero dos deportados. Cf. Georg Fohrer, *Theologische Grundstrukturen des Alten Testaments*, em: *Theologische Bibliothek Töpelmann*, Vol. 24 (Berlin/New York 1972), pág. 172.

(58) Cf. Georg Fohrer, op.cit., pág. 174s.

(59) ibidem, pág. 181.

(60) ibidem, pág. 164s.

Abraão tem fé ao pôr-se a caminho de uma terra desconhecida. Toda a tradição da aliança implica numa resposta ética do povo. Também os Salmos indicam nesta direção (61)

“Que te serve ...
 teres nos lábios a minha aliança,
 ...
 se te sentas para falar contra o teu irmão?”
 (Sl 50.16,20).

Que o culto não pode estar desvinculado da ética mostram-nos principalmente as conhecidas “liturgias dos portões” (62). Os romeiros que querem entrar no templo perguntam:

“Quem, Senhor, habitará no teu tabernáculo?
 Quem há de morar no teu santo monte?” (Sl 15.1)

E de dentro vem a resposta:

“O que vive com integridade, e pratica a justiça,
 e de coração fala a verdade;
 o que não difama com sua língua,
 não faz mal ao próximo,
 nem lança injúria contra o seu vizinho...
 o que não empresta o seu dinheiro com usura
 nem aceita suborno contra o inocente”. (Sl 15.2s,5).

Apto ao culto é aquele que promoveu a “justiça”. Diante dele abrem-se os “portões da justiça” (63).

3. Parece que também os Salmos usam termos do relacionamento entre pessoas de um determinado grupo ou de uma comunidade social para expressar o relacionamento Deus-homem. A “justiça” (צדקה) é o conjunto de “atitude(s) correta(s) que objetiva(m) a ordem, ou seja, as ações que correspondem e promovem o relacionamento interpessoal em um grupo social. (64) A raiz צדק : “comiserar-se” designa a atitude a ser tomada pelo senhor em relação ao seu escravo, ou seja, a atitude própria para com os desprivilegiados. A חסד , “bondade” ou “solidariedade”, quer expressar a fidelidade e o compromisso com a comunhão estabelecida (65). É claro que estes termos são usados para expressar um

(61) Sl 50: 78,81.

(62) Sl 15:24. Cf. o comentário de Hans-Joachim Kraus. op.cit. (nota 9), pág. 253s, 343s, a respeito destes salmos.

(63) Sl 118.9.

(64) Gerhard von Rad. op.cit. (nota 6), pág. 382s; Georg Fohrer, op.cit., pág. 134.

(65) Georg Fohrer, op.cit., pág. 134.

tipo de relacionamento vertical, mas creio que podemos dizer que já a terminologia dos Salmos revela que as atitudes promotoras da comunhão, do relacionamento igualitário, da justiça na comunidade humana se coadunam com a vontade divina. Promover o "direito" e a "justiça" é a vontade de Javé (66):

"Fazei justiça ao fraco e ao órfão,
procedei retamente para com o aflito e o
desamaparado. Socorrei o fraco e o necessitado,
tirai-os das mãos dos ímpios". (SI 82.3s).

E é também o anseio primordial do israelita:

"Eu sou pobre e necessitado,
porém o Senhor cuida de mim.
Tu és o meu amparo e o meu libertador,
não te detenhas, ó Deus meu". (SI 40.17).

(66) SI 37.28;50.16s;82.3s;98.9;99.4;103.6;119.5ss;146.7;147.19.